TOMO III I XXIX / XII / MMXXV

JORNAL O CAJU

JORNAL LITERÁRIO, CIENTÍFICO E CULTURAL
Lentus et constans

A voz do Caju: preservando o que não pode se perder

Caro leitor deste Caju,

Maldição é apenas a ausência de amor.

Sim, caro leitor! Não tenhamos rodeios!

Sentado no banco carcomido da Praça da Matriz, escrevo estas breves linhas e pergunto-me: amamos deveras o que é nosso? A madeira dura, o desgaste do tempo, os cupins — tudo ali me parece a imagem perfeita do modo como tratamos o que nos pertence. Afinal, quem pensa nisso? Ah, o velho banco da Praça da Matriz… Ninguém se anima a restaurá-lo, e nele repousa o símbolo maior de nossa desatenção em relação à própria história. Caduca este ano; nasce o vindouro e inertes enxergamos que o banco carcomido continua lá.

Eis a razão deste Caju na sua terceira edição: velar pela nossa memória (nosso patrimônio) e, sim, pelo banco carcomido da Praça da Matriz.

Sigamos, portanto, nesta empreitada sempre com o cuidado humilde e necessário para com aquilo que é nosso!

Cajueiro-mor

INIMIGO

Donde me vem este?
Guia cego dos cegos de minha terra
Me parece um impostor
Do que culto orador, ou pastor
Vendo suas origens, conhecendo suas raízes
Melhor se entende a peça
Provém da cidade rival
Que sempre contende a minha
Não podendo com as forças
Disfarçado em padre me vens
Destruindo nossa história
Removendo a beleza e memória
Do santuário despe as glórias
Como rival implacável e destruidor
Profanando o lugar sagrado, que horror
Removendo o mosaico histórico
Do barroco, a decoração, tudo corrói.
Não tem respeito a nada e tudo destrói
E com fúria a tudo lança ao chão
Não se conforma em fazer sozinho a destruição
Despoja os incáuquitos, recebe contribuição
Para desarraigar a glória da sua religião
Desconhece as fadigas dos comboios de jumentos
Que sofriam em busca da cal e do cimento tão distante,
Que em tempos difíceis se fez a construção
Não reparou na aflição de quem cruza os sertões
Com suor, lágrimas e sangue nas mãos
Buscando através destes sofrimentos o pão
Mas conformados em fazerem
O templo dos irmãos

Plauto Araújo

A MALDIÇÃO É APENAS A AUSÊNCIA DO AMOR

Sim, leitor devoto deste Caju, maldição não passa da insuficiência no exercício do amor. Essa verdade estende-se a tudo sob estas nuvens. Explico-me: quando amas, cuidas. E, à medida que amas, conheces melhor o objeto amado. O oposto também é real: quando conheces, amas. E quanto mais conheces, mais livre será a tua escolha de permanecer nesse amor.

Por que início assim? Porque muito se murmura pelas ruas belacruzenses que, em tempos remotos — quiçá mitológicos —, um frei, cuja origem se perdeu, proferiu palavras amaldiçoadas sobre esta terra. E, desde então, dizem, ela estagnou. Uma inércia que teria durado anos incontáveis.

Mas reflita, leitor sapiente: esta terra sempre produziu frutos de toda natureza — frutos que nascem do labor humano, do suor que fecunda o solo. E mais, é celeiro de talentos, de escritores, acadêmicos, músicos, artistas, pintores. Pergunto: pode uma terra amaldiçoada gerar tantos dons?

Nessa linha, proponho outra questão: a raiz dessa suposta maldição não estaria na ignorância de nosso povo acerca da própria história? Por tempo imensurável, entregamos tudo que era nosso a *estrangeiros*. *Estrangeiros* que, por ignorância semelhante, não compreenderam o valor do que lhes foi confiado.

E assim, com a boa-fé de quem deseja fazer o bem, desfiguraram o inestimável. Não por maldade, mas por desconhecimento.

Essa reflexão paira na leitura de Inimigo, de nosso Plauto. Este escritor, bem se sabe, não compartilhava a fé católica de muitos belacruzenses; contudo, seu coração velava pelo patrimônio que se desfazia — ainda que inconscientemente — sob o peso das reformas eclesiais.

Tudo isso é passado, bem sei. Mas é um passado que insiste em permanecer diante de nossos olhos. Alguns dirão: “Grande tolice, luta vã.” Não, não é vã esta luta. A permanência da memória é a salvaguarda da identidade. Plauto compartilhava a dor de tantos homens e mulheres instruídos nas belas artes, que compreendiam o preço das reformas sobre aquilo que é imensurável.

Assim, lamentar é recordar. Recordar é manter diante dos olhos aquilo que não pode perder-se nos escombros do tempo. Lamentar, outrossim, é deixar de ser mero paciente para tornar-se sujeito ativo nessa luta pela preservação do que é nosso. Muito já se destruiu. Mas o tempo ainda é oportuno. Reitero: não deixemos que seja sepultado nosso patrimônio sob os escombros do tempo! Caro leitor deste Caju, acaso não nos importarmos, “Inimigo” não será aquele que vem de outras terras — pois este não conhece — mas sim tu, que conhecias e não cuidaste. Tu serás o “Inimigo, que nasceu e viveu no próprio regaço”. Cuidemos, eis que o tempo ainda é oportuno!

A CHUVA

Fazia sete dias e sete noites que chovia sem parar, e por isso a menina resolveu procurar abrigo. O livro em que morava estava encharcado e as folhas pregadas pela umidade tinham as letras embaçadas. A menina desceu do livro e começou a caminhar sem saber para onde ia. Caminhava por uma avenida larga, com luzes pálidas, e das árvores do canteiro central caíam folhas longas, que atapetavam os seus passos. Parecia ser outono, pois as folhas estavam amareladas. Um vento frio sacudia os cabelos da menina, que tinha fome e sede.

Depois de muito andar, a menina chegou ao fim da avenida, que terminava num muro alto. Enquanto a menina pensava como poderia escalar o muro, notou que havia uma pequena porta no canto direito. Ela resolveu tentar a sorte, empurrou a porta e se viu dentro de uma sala ornamentada por um lustre rebuscado e móveis antigos, de madeira de lei. Eram uma cristaleira, uma penteadeira e uma mesinha com quatro cadeiras. Em cima da mesa havia uma chaleira com café e sanduíches, tapioca e bolinhos de goma. A menina comeu um pouco de tudo e encheu os bolsos com o resto dos alimentos, pois afinal ela não sabia quando iria encontrar comida de novo, ela era só no mundo, não tinha pais nem irmãos, e a velha avó que a criara tinha morrido há muito tempo.

A menina ficou matutando para onde iria agora, ela estava sem rumo e não tinha com quem se aconselhar. “Ah, se eu encontrasse um outro livro, novo em folha, bem sequinho, eu poderia viver nele para sempre, com todo o conforto”, pensava ela com seus botões. Mas a porta pela qual havia entrado tinha se fechado, e a menina tentou abri-la outra vez para voltar à avenida, mas a porta estava irremediavelmente fechada, e ela deduziu, de forma correta, que a porta só poderia ser aberta e fechada pelo lado de fora. E, para piorar a situação, começou a chover dentro da sala, primeiro só um chuvisco, depois uma chuva que ia aumentando de intensidade, até se transformar num toró com raios e trovões.

A menina logo pensou que ia morrer naquela salinha apertada, porque em breve a água chegaria até à sua cintura, depois à sua boca, e por fim a encobriria. A menininha principiou a chorar e a ficar desesperada: “vou morrer afogada e só”, refletiu.

Então ela notou que a mesa tinha quatro gavetas, e ela puxou uma das gavetas, e dentro da gaveta havia uma sombrinha. A menina abriu a sombrinha, entrou nela e se pôs a salvo do temporal. A sombrinha se fechou sobre ela, envolveu-a, encapsulou-a, resguardou-a, e a menina percebeu que ali seria a sua casa por muito, muito tempo, a salvo da chuva, dos soldados em guerra, dos lobos e dos ursos, dos piratas e dos cangaceiros, bem como de todos os outros mil e um perigos que sempre rondam uma menina sozinha.

Dimas Carvalho

Mensagem de Natal de Monsenhor Assis Rocha

O que se espera de um Padre em uma ‘Mensagem de Natal’? Sobretudo quando desde pequenino se ouvia Luiz Gonzaga cantando São João no Arraiá de Zé Dantas, que diz ‘Natá só presta em casa’... e eu quero falar de três Natais que passei longe de casa, talvez os melhores da minha vida: 1973, em Paris, capital da França; em 1974, em Grenoble, perto de Lyon, no sul da França e 1975, em Munique, na Alemanha.

Nesses últimos 3 anos - 2023, 2024 e agora 2025, tenho escrito em jornal, usado blogs e dado telefonemas para amigos, sobretudo aos que retornaram ao Brasil, recordando os momentos em que nos solidarizávamos no exílio em que eles viviam, e lhes fazíamos companhia fraterna e ouvíamos suas lamúrias, próprias de quem estava exilado e longe de casa. Faz 50 anos.

Éramos dois sacerdotes: o Padre José Maria, filho de Santana do Acaraú, e eu, filho de Bela Cruz. Ambos estudávamos na Universidade São Tomás de Aquino, dos Padres Dominicanos, em Roma. Não éramos exilados políticos. O Padre Zé Maria estava reciclando sua Teologia Pastoral e eu estudando e me especializando em Ciências e Comunicações Sociais. Por conta de nossas opções pastorais, aqui no Brasil, estagiávamos em atividades que fossem compatíveis com nossas reflexões acadêmicas, daí, escolhermos aqueles que, longe de suas famílias, poderiam ter, ao menos no Natal, uma atmosfera mais saudável, mais semelhante aos seus lares, junto às pessoas que mais lhes queriam muito bem. Íamos ao encontro deles.

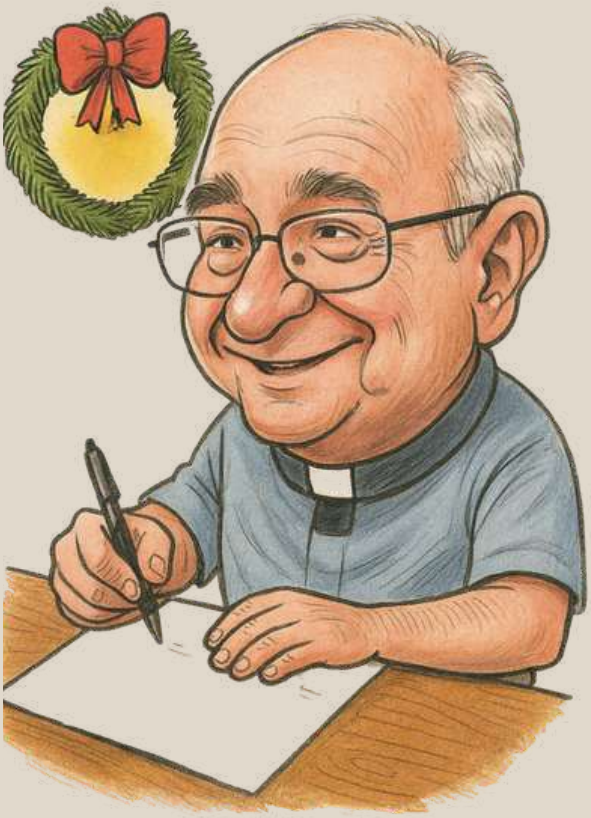
Apesar de, esporadicamente, nos encontrarmos, escolhíamos o Tempo do Natal para um contato maior e mais significativo, devido ainda ser mais feliz pela aproximação do Dia de Ano em que se celebra a Confraternização Universal. Será que motivações como estas não justificam qualquer esforço ou empenho para tais realizações? Se a Confraternização Universal nos faz esquecer as guerras, nos pede o entendimento entre os povos e o reino da paz, por que nós nos desunirmos tanto, mesmo sendo de origem cristã?

Por que tantos brasileiros, fora do Brasil, expulsos daqui por polarizações políticas, tinham de ficar isolados, castigados de se alegrarem no Natal, tantas vezes vivenciado em família, quando aqui estavam e, à época, longe, impedidos de se confraternizarem por causa de um capricho da ditadura?

Por que dois Padres, que não eram fugidos do Brasil, estavam livres no exterior, até podendo voltar, quando terminassem os estudos, não poderiam passar um Natal diferente e dar tanta alegria a irmãos brasileiros, só por puro preconceito ou por não terem uma Igreja para reuni-los e, por isso, os deixarem sem a alegria do Natal? Não seria um absurdo?

Por isso eu digo agora: “*Natal não é só o que presta em casa*”. É o que se festeja com os amigos distantes, com quem pareça não ter fé. A fé é um dom de Deus. Foi por ela que celebrei “**os melhores natais de minha vida**”.

Monsenhor Assis Magalhães Rocha



IRMÃ PERPÉTUA

Uma mulher, muitas missões: todas marcadas pelo amor ao próximo.

Maria do Perpétuo Socorro Carvalho, nascida em Santa Cruz do Acaraú, hoje Bela Cruz, a 03 de agosto de 1927. Filha de José Domingues de Carvalho e Maria Angélica Fonteles. Fez seus primeiros estudos com a professora Marieta Santos. Desde cedo, demonstrou um elevado grau de inteligência e piedade destacando-se das moças de sua época. Foi encaminhada, em 1947, pelo então vigário, Padre Odécio, de quem gozava de grande estima e admiração, para ingressar no curso Normal na Escola Normal Rural Virgem Poderosa, em Acaraú. Dinâmica, criativa e de elevada capacidade intelectual, após concluir o Curso Normal, retorna à sua terra natal, assumindo a direção do antigo Instituto Imaculada Conceição, onde exercia as funções de diretora e professora, até 1960, quando a escola foi substituída pelo Patronato Imaculada Conceição, onde lecionou Português durante aquele ano. Em 1961, ingressou na Companhia das Filhas de Caridade, indo realizar seu postulado em Pacoti - Ceará. Após professar os votos de servir a Deus e aos irmãos, foi designada para cumprir seu apostolado em São Luís do Maranhão, onde desempenhou as funções de educadora, no Colégio São Vicente de Paulo, durante treze anos. Ali prestou vestibular para o Curso de Pedagogia, na Fundação Universidade do Maranhão — FUM, no final da década de 60, sendo classificada em primeiro lugar. Cursou Pedagogia brilhantemente com menções honrosas. Irmã Perpétua exerceu vários cargos, como: Diretora, professora, visitadora provincial, etc. Desde o início dos anos 2000 dedicou-se ao serviço educacional no Recanto Sagrado Coração, em Fortaleza, como coordenadora e palestrante de encontros de pastorais promovidos pelo Centro de Encontros, anexo à esta Casa, que hoje funciona como abrigo de idosas.

Atualmente, Ir. Perpétua com 98 anos de idade, lúcida, com algumas fragilidades motoras, está servindo no mesmo Dispensário, onde vive sob os cuidados das suas Irmãs de Comunidade.

Socorro Carvalho

As férias estão chegando, e nada combina mais com esse tempo de descanso do que mergulhar em boas histórias. Nesta edição, o Caju abre espaço para celebrar o talento da nossa própria terra, sugerindo livros de escritores belacruzenses que carregam, em cada página, a força, a memória e a poesia de Bela Cruz. Prepare-se para descobrir, ou redescobrir, vozes que merecem ser lidas.

A estória do Urubu-rei
Autora: Maria Tereza Silveira

Todos os habitantes do reino estavam aflitos com os últimos acontecimentos e o desaparecimento do Urubu rei. O que teria acontecido com ele? Um conto cheio de aventuras, mistério e uma lição de coragem e persistência.

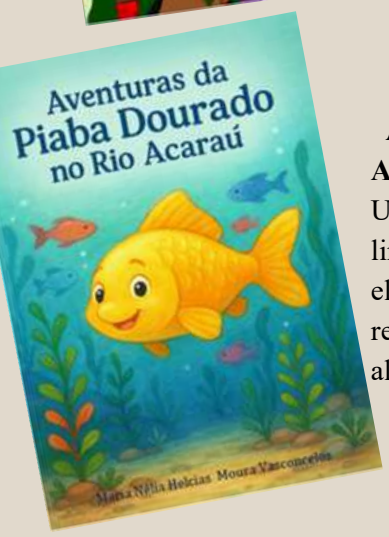
Leia, divirta-se e encante-se com a estória do Urubu rei.

Festa na floresta
Autora: Benedita Vangésia Alves

Tudo começa com a notícia de que haverá uma festa no céu e serão convidados apenas os bichos que sabem voar. Ao saber disso, a Cuca decide fazer uma festa onde ela também possa participar. Porém não revela que ela mesma está organizando a tal festa. Bichos e seres mágicos e encantados apesar de curiosos resolvem ir. Quando chegam à festa, eles têm uma surpresa que os deixa muito assustados. Ao final todos se divertem numa festa que dura até o amanhecer.

Caipora
Autor Marcos Antônio Pires

O CAIPORA é uma narrativa que mergulha na riqueza das lendas populares, e revela esse personagem mítico da tradição cultural de diversas regiões. Aventure-se numa leitura e mergulhe nas raízes e no encanto dos mitos e lendas que permeiam o nosso folclore.



Aventuras da Piaba Dourado no Rio Acaraú
Autora: Maria Nélia Helcias M. Vasconcelos

Uma fábula sobre amor, coragem e cuidado. Uma linda homenagem ao Rio Acaraú e às histórias que ele carrega. Aventura subaquática que convida à reflexão sobre o meio ambiente: E você? Já fez alguma coisa pelo seu lugar?

Para ler gratuitamente procure a Biblioteca Municipal Professor Nicácio e para adquirir o seu entre em contato com os autores.
marcospires.diretor@gmail.com
bvangesia@hotmail.com
neliahelcias@yahoo.com.br

Entrevista com Giselda Medeiros

O que te fez escrever poesia pela primeira vez? Foi um impulso, uma necessidade ou algo que parecia inevitável?

Tinha apenas dez anos quando a vida me apresentou a dor da perda. Eu morava em Fortaleza, na casa de minha avó, enquanto meus pais viviam em Prata, no Ceará. Foi ali que recebi a notícia da morte precoce de meu pai. Naquele instante, as palavras começaram a brotar como lágrimas que buscavam refúgio no papel. O poema nasceu do luto, um grito manso da alma tentando compreender a ausência.

Você lembra do primeiro poema que escreveu? O que ele revelava sobre quem você era naquele momento?

Sim, lembro-me bem. Chamava-se "Morre, morte." Era um poema breve, simples como o coração de uma menina, mas cheio de dor. Revelava o espanto da infância diante da finitude na tentativa ingênua e profunda de transformar o sofrimento em palavra.

Como nasce um poema dentro de você? Ele surge como imagem, ritmo, silêncio ou dor?

O poema sempre nasce de uma emoção intensa. Nunca me sentei para "escrever um poema", ele é quem me procura primeiro. Vem como uma ideia súbita, uma lembrança ou uma saudade que pede forma. Só então eu o deixo escorrer pelas palavras.

Quais autoras ou autores moldaram sua voz poética? Como percebe a presença deles nos seus versos?

Li muito desde cedo. Encantei-me com Castro Alves e Olavo Bilac, mas as vozes que mais ecoaram em mim foram as de Cecília Meireles e Gilka Machado. Cecília me ensinou a doçura da melancolia e a leveza da linguagem; Gilka, a ousadia dos sentimentos e a força feminina. Ambas deixaram marcas suaves, mas profundas, no meu modo de sentir e de dizer o mundo.

Você acredita que a poesia é uma forma de conhecimento ou apenas um modo de sentir?

As duas coisas. A poesia nasce do sentir, mas floresce no saber. É emoção que se educa na palavra. O poeta precisa conhecer os recursos da linguagem, compreender o poder das metáforas, o peso e a leveza de cada verbo. Sentir é o primeiro passo, mas é o conhecimento que dá forma à emoção.

Você acha que um poema pode mudar a realidade ou apenas a percepção da realidade?

Acredito que o poema transforma a percepção e, ao fazê-lo, toca a própria realidade. Cada poeta vê o mundo com um olhar único, e é esse olhar que ele oferece ao leitor. Um mesmo objeto pode ser descrito de mil maneiras; é a alma do poeta que muda o contorno das coisas.

Quais lembranças mais marcantes da sua terra natal, Prata — hoje pertencente a Bela Cruz — permanecem vivas em você, e de que forma elas dialogam com a sua poesia?

Guardo vivas as lembranças da infância: as brincadeiras nas ruas, o som dos sinos aos domingos, as procissões iluminadas pelas velas, os sorrisos dos vizinhos, os folguedos na praça da igreja. Tudo isso ainda me habita. São memórias que voltam em forma de versos, como se a menina de Prata ainda brincasse entre as linhas do meu caderno.

Qual é a responsabilidade ética de quem escreve — se é que existe alguma?

Existe, sim. Quem escreve deve zelar pela dignidade da palavra. É preciso respeitar o outro, evitar julgamentos e preconceitos. A poesia deve ser espaço de liberdade, mas também de sensibilidade ética, lugar onde a beleza não se constrói à custa de ninguém.

Qual mensagem você deixaria aos jovens que sonham com a escrita e cultivam a poesia como forma de expressão? Houve algum conselho ou experiência que mudou sua relação com a escrita e que você gostaria de compartilhar?

Recordo-me de um episódio marcante na escola. Eu adorava escrever redações e me esmerava nelas. Um dia, o diretor, professor Edilson Brasil Soares, ao ler um dos meus textos, disse-me com firmeza e ternura: "Um dia, você será uma escritora."

Aquela frase foi uma semente. Desde então, escrevia com mais dedicação e amor. A leitura também foi uma grande mestra: ela amplia a imaginação, desperta emoções e aprimora a linguagem. Aos jovens, eu diria: leiam muito, leiam de tudo e escrevam sempre.

Entre ruínas e vozes

Uma reflexão sobre o patrimônio histórico e a antiga fábrica de castanhas de Bela Cruz

Da mesma forma que o cajueiro floresce em regiões secas e semiáridas, o povo belacruzense resiste e cresce em meio às adversidades, agarrando-se às oportunidades e abrindo novos caminhos através do trabalho. Talvez não por acaso, Bela Cruz ganhou notoriedade pelo cultivo de cajueiros e pela produção de castanhas — símbolos da "primeira e principal fonte de renda e trabalho" do município. Em 1965, foi inaugurada em Bela Cruz a primeira grande empreitada industrial da cidade: a Indústria e Agricultura Castanha Óleo Ltda. (IACOL), por meio da sociedade formada pelos senhores Manoel Jovino de Vasconcelos, Manoel Jácome Teófilo, Manoel Jaime Neves Osterno e pela firma Quirino Rodrigues, de Sobral. Ao longo de três décadas de funcionamento, a fábrica de beneficiamento de castanhas passou por períodos de intervalos na produção e por trocas de proprietários, até o encerramento de suas atividades em 1992. Durante esses anos, o espaço marcou a vida de milhares de trabalhadores e trabalhadoras que atuavam nos diferentes setores da cadeia produtiva — do recebimento e pesagem da matéria-prima, do corte à seleção, até a embalagem do produto final.

Ao passar pela Rua Capitão Diogo Lopes, deparamo-nos hoje com as ruínas da antiga fábrica de castanhas. Galpões, esteiras e máquinas silenciosas nos fazem imaginar as dinâmicas e complexidades daquele lugar em pleno funcionamento. Agora, porém, as mulheres dos setores de corte e seleção não estão mais nas esteiras, tampouco há alguém para acionar a caldeira que dava "vida" às máquinas.

O vazio daquele espaço, de alguma forma, é preenchido pelas histórias e lembranças de quem vivenciou a sua rotina — pelos saberes e experiências daqueles que não tiveram seus nomes registrados nos livretos sobre a História Local. Como nos orienta o tema desta edição, refletir sobre o patrimônio histórico de Bela Cruz é compreender que, além do concreto, o patrimônio é um campo dinâmico e vivo, que ganha formas e significados através da relação de sentido entre espaço e comunidade. Assim, é preciso considerar os sujeitos e suas vozes, que muitas vezes ecoam fora do centro urbano, econômico e político. Proponho, então, encerrar este texto com uma pergunta: como podemos ressignificar e manter vivo o legado desse lugar tão singular na história de Bela Cruz? As respostas não são fáceis nem únicas, mas talvez o primeiro passo esteja em reconhecermos o valor patrimonial desse espaço e as riquezas presentes na memória e nas histórias do nosso povo, que continua resistindo e florescendo, mesmo diante das dificuldades.

João Pedro Marques Ferreira

A TRAJETÓRIA DE AGOSTINHO BALMES ODÍSIO E A IGREJA MATRIZ DE BELA CRUZ

Há artistas cuja biografia parece, ela mesma, uma obra em permanente modelagem. Agostinho Balmes Odísio, nascido em 1881, na Via Carena, em Turim, é um desses raros criadores que viveram entre o desenho e o desígnio, entre a forma e o destino. Filho de Pedro Odisio e Maria Balmes Odisio, trouxe consigo, desde cedo, a intuição de que a arte não é apenas oficio — é travessia. Turim, com seus ventos alpinos e a espiritualidade salesiana de Dom Bosco, ofereceu-lhe o primeiro molde: disciplinado, sensível, atento ao detalhe e ao sagrado. Formado na Escola Profissional Domingos Sávio, dos Salesianos, Odísio absorveu um rigor técnico que mais tarde seria a espinha dorsal de sua obra. O jovem que tocava em uma banda de sessenta músicos — premiada no 1º Oratório Festivo — descobria ali a harmonia que mais tarde transporia para mármores, argamassas e fachadas. A música, de algum modo, o adestrou para a escuta silenciosa da matéria. Sua potência criadora manifestou-se precocemente também no teatro. As peças que escreveu, as óperas que encenou, o drama “Capital o Trarai” e a comédia “Il Médico”, revelam um temperamento inquieto que buscava compreender o humano em sua teatralidade íntima. A arte, para ele, era um contínuo diálogo entre gesto e símbolo.

No entanto, foi na escultura — especialmente a sacra — que encontrou seu verdadeiro continente. O mármore, sob suas mãos, deixava de ser mineral para tornar-se presença. A delicadeza do sagrado, que muitos tratam com distância, ele tratava com proximidade: santos, anjos, medalhões e bustos emergiam de seu cinzel como se tivessem sido apenas despertados. Sua formação nas Escolas de Belas Artes de Turim e Roma consolidou esse talento. E o ano de 1912 foi decisivo: ao esculpir o busto de Vittorino Emanuele II, no Palazzo Venezia, conquista o primeiro lugar numa competitiva mostra e a cobiçada bolsa de estudos em Paris. Esse episódio representou mais que um prêmio — simbolizou sua entrada definitiva no concerto internacional da arte. Em Paris, tornar-se discípulo de Auguste Rodin foi o acontecimento que moldou o resto de sua vida profissional. Rodin, autor de O Pensador, era o grande oráculo da escultura moderna. Dele, Odísio herdou o dinamismo do gesto, o relevo emocional, a carne espiritualizada da pedra. Não foi mera influência: foi iniciação. Quando retornou a Turim, já não era o mesmo.

Seu estúdio, então bastante reconhecido, tornara-se laboratório de um artista em plena ascensão. Mas o destino — sempre um arquiteto invisível — abriu-lhe outra rota: o Brasil. Em 1913, ao emigrar, não chegou à planejada Argentina; aportou em Santos e dali iniciou uma jornada imprevisível. Minas Gerais foi sua primeira morada afetiva. Ali conheceu a jovem Dosolina Frateschi, filha de italianos, com quem se casou. A vida emocional ancorou o artista, e o país, antes acidental, tornou-se escolha. Durante duas décadas, espalhou obras por São Paulo, Rio de Janeiro e Minas: bustos, altares, fachadas, cruzeiros, monumentos. Sua marca — discreta, pois raramente assinava — se espalhou silenciosa como uma constelação subterrânea. Em 1934, debilitado pela saúde, procura o Ceará, onde o clima lhe era recomendável. E é nesse momento que o Nordeste passa a ser seu grande ateliê. Juazeiro do Norte, então terra de intensas pulsações religiosas, acolhe-o como se reconhecesse nele um escultor de almas.

A partir daí, Odísio transforma o Ceará em território artístico: Acaraú, Bela Cruz, Sobral, Tianguá, Canindé, Granja, Itapipoca, Várzea Alegre, Quixadá, Viçosa — dezenas de cidades recebem suas esculturas, suas reformas de igrejas, suas praças redesenhadas. A vastidão de sua atuação torna difícil mapear sua obra; a ausência de assinatura, talvez por humildade, talvez por despretensão, multiplica o enigma. Apesar da amplitude, uma obra se destaca como ponto culminante: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Bela Cruz. Mais que um templo, ela é a síntese do artista; sua última obra concluída; a moldura final de uma trajetória iniciada nos Alpes e encerrada à beira do Acaraú. A Matriz de Bela Cruz é, antes de tudo, um manifesto arquitetônico. Sua fachada, marcada pela verticalidade elegante e pela disposição harmoniosa dos ornamentos, dialoga com o ecletismo europeu, mas transfigura-o em linguagem sertaneja. Odísio parece ter compreendido a luz particular do Ceará e a incorporado ao projeto — tudo ali respira claridade.

Os volumes da fachada revelam um escultor que projeta como quem modela. Há um jogo de cheios e vazios que remete à escola rodiniana, mas suavizado pela espiritualidade das igrejas italianas do Piemonte. O frontão, as pilastras e os nichos não são enfeites: são pausas, como em música, que estabelecem ritmos na leitura visual. No interior, a manipulação do espaço litúrgico é igualmente precisa. O altar-mor, concebido com atenção ao simbolismo católico, não é apenas peça devocional: funciona como centro gravitacional da arquitetura. O espaço inteiro converge para ele, como se o artista quisesse que cada fiel experimentasse, ao entrar, um reencontro com o sagrado. Escultor antes de tudo, Odísio não deixou de imprimir sua marca nos detalhes ornamentais. Os relevos discretos e a sutileza das linhas denotam sua mão experiente. Cada curva parece sussurrar o segredo de uma vida inteira dedicada ao silêncio da pedra. A Matriz de Bela Cruz é também um capítulo da identidade regional. Ao inserir no Ceará um templo com vocação europeia, porém adaptado aos ventos e à luz nordestinos, Odísio realiza algo raro: uma síntese civilizatória. A igreja não europeíza o sertão; o sertão não dilui o europeu. Ambos se elevam, reconciliados.

Curiosamente, sua última obra concluída é também sua obra mais simbólica. O artista que viajou do Piemonte ao Cariri, do ateliê parisiense ao altar sertanejo, encerra sua história num templo dedicado à Conceição — imagem da pureza, da luz, da origem. Sua vida circular retorna ao princípio.

Após Bela Cruz, a saúde já não lhe permitiu novos empreendimentos. Deixou diários e memórias, entre as quais destaca-se “Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero”. Como ensaísta, recebeu prêmio pelo artigo “A Fisionomia da Pedra”, título que resume seu próprio destino: revelar a alma oculta na matéria bruta.

Quando faleceu, em 29 de agosto de 1948, o Brasil perdeu não apenas um escultor, mas um dos raros artistas que transitaram com naturalidade entre três tradições — a italiana, a francesa e a nordestina. Sua obra, espalhada como sementes, permanece em altares e praças que talvez nem saibam quem lhes deu forma.

Revisitar a Igreja Matriz de Bela Cruz é, portanto, revisitar o próprio Odísio. Ali se encontram sua técnica turinesa, sua sensibilidade rodiniana, sua fé salesiana, sua experiência brasileira e seu silêncio final. É um templo que não apenas abriga o sagrado — é ele próprio uma oração em pedra, última assinatura de um artista que preferia não assinar.

Vicente Freitas Liot

MANOEL NICODEMOS ARAÚJO: O CULTOR DA MEMÓRIA BELACRUZENSE

Inequívoca figura de sábio junto ao povo. Verdadeira imagem do homem justo e bom. Desconhecido patrimônio moral da humanidade. Glória autêntica da terra que o viu nascer. Seu desaparecimento despertou a expressão de dor mais sentida de toda a sua história. Seu amor e sua humildade não lhe permitiram trocar por posições mais lucrativas ou distinções mais cobiçadas o remanso tranquilo do município/paróquia que lhe deu o berço.

A esse patamar se alcandorou este extraordinário autodidata firmado na fé para alcançar a clara percepção da dimensão do indivíduo, da pessoa, da sociedade, do povo e do universo. Cantando como poeta, encenando como dramaturgo, pesquisando como estudioso, registrando e analisando como historiador sentimentos e cenários que afeiçoam a alma, personalidades e acontecimentos que marcam a história, tornou-se ele a figura imortal acima delineada. A todos dava a mão para crescerem e se formarem na vida. A quem não incentivou? Quem poderá ter tido dele alguma queixa? Todos que o conheceram proclamam a sua bondade. Tudo muito discreto, na alegria e na humildade de sempre. Como impressiona a marca de humanidade que o levou a registrar em uma das suas obras figuras humanas de pessoas pobres, mulheres sofridas, crianças desamparadas, mendigos e ébrios, seus dizeres, suas lições! Recordemos seus hinos religiosos, sua filial devoção à Santíssima Virgem Maria, sua vida de católico fervoroso, sua caridade, sua permanente disposição para servir: que admirável exemplo nos deixou!

Nestes últimos tempos nossa correspondência versou sobre a velhice, a idade do saber acumulado, a mais bela idade do homem, porta aberta para a santidade, para a plenitude da felicidade junto ao infinito amor de Deus. Na penúltima vez que nos encontramos, ao recordar essas verdades e ao dizer-lhe que ele era realmente um santo, foi esta a sua resposta: “Santo, não. Só uma coisa eu posso dizer: eu nunca fiz mal a ninguém”. Ao que lhe repliquei: “Não é isto mesmo a santidade?” E completando agora: acrescentado ao bem imenso que ele fez! Somos todos pecadores, mas somos remidos e purificados pelo precioso sangue de N. Senhor Jesus Cristo derramado por nós. Deus seja bendito nos seus santos! Com a Igreja proclamamos: “Ao coroar os seus merecimentos, Vós exaltais, Senhor, os vossos próprios dons”.

Sentimos profundamente o seu desaparecimento do nosso convívio, mas “A vida dos justos está nas mãos de Deus".

Parodiando o poeta:

Ele foi um justo como a lua é calma,
Ele foi um santo sem pensar que o era.

Por isso nos alegramos e em nossa infinda saudade exultamos com o novo bem-aventurado que o bom Deus coroou com sua glória e que junto a Ele intercede por nós.

Dom Manuel Edmilson da Cruz
(*extraído do Carpinteiro das Letras, de Vicente Freitas)*

ABCiências – I Mostra ABCCEL de Ciências: Um marco para a nossa Região

A realização da ABCiências – I Mostra ABCCEL de Ciências foi, para mim, uma experiência bastante significativa. Ver o evento ganhar forma e alcançar tamanha proporção foi motivo de enorme satisfação. Conseguimos reunir 15 escolas e mais de 170 participantes, entre alunos e professores, além de um total de 49 projetos, divididos nas categorias Pequenos Curiosos (Ensino Fundamental anos iniciais), Jovens Investigadores (Ensino Fundamental anos finais) e Exploradores do Saber (Ensino Médio). A participação expressiva e o envolvimento das equipes mostraram que estamos no caminho certo ao fortalecer a cultura científica em nossa região.

Como Coordenador da Comissão de Ciências, pude acompanhar de perto cada etapa dessa construção. A ABCiências nasceu do desejo de incentivar o protagonismo dos nossos estudantes e de oferecer um espaço onde a investigação, a criatividade e o método científico pudessem florescer. Trago comigo experiências de outras mostras científicas que ajudei a desenvolver — como a EXPOCIIC, ENCESF, MC3, MOSTRACMA e EXPOCIJUF — e ver esse histórico contribuindo para o sucesso da nossa própria mostra foi motivo de grande orgulho.

Um dos pontos que mais me marcou nesta primeira edição foi a participação das crianças das séries iniciais, representadas pela categoria Pequenos Curiosos. Trabalhar práticas investigativas desde cedo sempre foi uma convicção minha, e o resultado impressionou. As crianças demonstraram autonomia, segurança, capacidade de observação e de comunicação. Elas levantaram hipóteses, testaram ideias e explicaram seus experimentos com uma desenvoltura que comprova o quanto essa abordagem faz diferença na formação integral dos estudantes. Tudo isso dialoga diretamente com as competências gerais da BNCC, reforçando a importância de inserir o pensamento científico no cotidiano escolar desde os primeiros anos.

Os projetos apresentados abordaram temas diversos — da sustentabilidade à saúde, da tecnologia aos fenômenos cotidianos — e cada categoria mostrou o quanto os alunos são capazes de produzir conhecimento quando encontram espaço e orientação adequados. O entusiasmo do público, o empenho dos professores orientadores e o brilho nos olhos de cada estudante tornaram o evento ainda mais especial.

Encerramos esta I Mostra ABCCEL de Ciências com a certeza de que ela já nasce como tradição. A ABCiências é um marco para nossa região: um espaço de aprendizagem significativa, de valorização da pesquisa escolar e de celebração do conhecimento. Tenho plena convicção de que as próximas edições serão ainda maiores, ainda mais ricas e continuarão inspirando nossos alunos a olhar para o mundo com curiosidade, sensibilidade e espírito investigativo.

Prof. Me. Francisco Fabiano Araujo

EEEP Júlio França conquista 1º lugar na FENECIT e garante vaga em evento científico internacional

A EEEP Júlio França celebra uma conquista de destaque no cenário científico estudantil. A escola alcançou o 1º lugar na FENECIT, Feira Nordestina de Ciências e Tecnologia, realizada em Recife, na categoria Meio Ambiente, com o projeto ECOSORB: Plataforma flutuante biopolimérica de quitosana para absorção de nutrientes em corpos hídricos eutrofizados.

O estudo foi desenvolvido pelos estudantes Dário, do 2º ano do curso de Informática, e Pedro, do 2º ano de Enfermagem, sob orientação do professor Fabiano Araújo. A proposta chamou atenção pela combinação entre inovação, relevância ambiental e viabilidade de aplicação, elementos que reforçam o compromisso da instituição com a pesquisa científica e o protagonismo juvenil.

O desempenho expressivo rendeu ao projeto uma credencial para a Expo-Sciences MILSET Europe, na Itália, ampliando ainda mais o alcance da ciência produzida na escola e levando o nome da EEEP Júlio França e do Ceará ao cenário internacional.

A comunidade escolar comemora a conquista, que marca mais um capítulo importante da trajetória de excelência da instituição. Parabéns aos estudantes, ao professor orientador e a todos que fazem parte da escola por este feito histórico.

Previsão Matemática da Temperatura Global: Impactos Ambientais e Projeções Climáticas para os Próximos 20 Anos.

O projeto “Previsão Matemática da Temperatura Global: Impactos Ambientais e Projeções Climáticas para os Próximos 20 Anos” nasceu de uma inquietação pessoal que cresceu silenciosamente enquanto eu acompanhava, com atenção crítica, o avanço das discussões sobre mudanças climáticas no cenário global. Sempre tive um olhar atento para a confluência entre matemática, tecnologia e fenômenos ambientais, e, em determinado momento, percebi que não bastava compreender essas transformações: eu precisava traduzi-las em algo concreto, mensurável e academicamente útil. Foi assim que surgiu a ideia inicial — a vontade de unir modelagem matemática, programação, *machine learning* e inteligência artificial para produzir projeções climáticas acessíveis, rigorosas e de alto impacto.

Antes de estruturar o projeto, mergulhei em um processo de estudo que exigiu disciplina e constância. Comecei revisitando conceitos de análise de dados, estatística e séries temporais, e em seguida me aprofundei em bibliotecas de programação voltadas à modelagem, como NumPy, Pandas, SciPy e ferramentas de visualização avançada. Aos poucos, percebi que, se eu quisesse um modelo realmente útil e fundamentado, precisaria ir além: explorei técnicas de regressão múltipla, ajustes paramétricos, interpolação, suavização e até abordagens de aprendizagem de máquina capazes de identificar padrões mais sutis no comportamento da temperatura global. Cada estudo realizado me dava clareza de que aquela ideia, inicialmente abstrata, tinha potencial concreto para se transformar em uma pesquisa robusta.

No entanto, desde o início eu soube que um projeto desse porte não deveria ser construído sozinho. Ciência se fortalece no diálogo, na troca e na multiplicidade de olhares. Foi assim que comecei conversas com Izabela Marques Brandão e Maria Clara Araújo Rodrigues.

A entrada delas no projeto não foi simplesmente um convite casual. Foi resultado de conversas longas, explicações detalhadas sobre a proposta, sobre o impacto que ela poderia gerar e, principalmente, sobre o nível de compromisso que seria necessário. Eu precisava ter certeza de que elas compreenderiam a dimensão do trabalho e que estariam dispostas a ir além do básico, enfrentando desafios técnicos que exigiriam estudo constante e maturidade científica. Felizmente, ambas aceitaram o chamado com seriedade, coragem intelectual e uma curiosidade que só fortaleceu o projeto.

A partir do momento em que elas passaram a integrar a equipe, o trabalho tomou forma rapidamente. Construímos juntos as etapas fundamentais: análise dos dados históricos de temperatura, construção dos gráficos multidimensionais, elaboração das projeções para as próximas duas décadas e desenvolvimento do site que reúne todos os materiais e metodologias.

Houve dias cansativos, em que ajustamos códigos repetidas vezes, e momentos de grandes descobertas, em que conseguimos identificar padrões, corrigir desvios e visualizar tendências de forma clara e impactante. Cada reunião, cada conversa e cada revisão serviram para consolidar não apenas o produto final, mas também a formação científica das estudantes e a minha própria evolução como pesquisador e orientador.

Hoje, ao olhar para trás, percebo que este projeto representa mais do que uma análise matemática sobre clima. Ele simboliza uma trajetória de estudo, constância, parceria e crescimento. O que começou como uma inquietação individual transformou-se em uma construção coletiva sólida, motivada pela busca por conhecimento e pelo desejo de produzir algo relevante para a ciência e para a sociedade. E, diante de tudo o que já conquistamos, reafirmo um compromisso simples: continuaremos aperfeiçoando este trabalho ao máximo, porque projetos movidos por propósito e dedicação nunca têm um ponto final — apenas novos começos.

Prof. Francisco João Victor Morais da Costa

Se você gosta de histórias de vida, superação e empoderamento feminino, conheça.

Fragmentos de vida: uma história em construção
Autora: Socorro Vasconcelos
Uma história que reconstitui momentos e fatos importantes da vida de uma garota, discriminada e vítima de bullying, nascida no período pós-Guerra em um povoado, depois cidade, do interior do Nordeste do Brasil. Sua luta é persistente para superar traumas adquiridos e remover obstáculos que se interpuseram à realização de seus sonhos e conquistas nos campos estudantil e profissional.

Amor entre cactos mandacarus
Autora: Maria Nélia Helcias Moura Vasconcelos

Um conto que retrata a vida, as desilusões e conflitos das mulheres sertanejas, na década de 1950. Ao ler saga de uma família, é possível compreender como eram negados os direitos femininos e de como as mulheres eram vistas e tratadas pela sociedade machista à época.

E para os apreciadores de poesia? Temos também
Partes de mim
Autora: Clara Silveira
Livro com versos que traduzem força no fazer poético, a liberdade, Deus, afetos, saudades e outros recursos que manifestam o lirismo, o sentimento e a alma feminina.

Cinzas do passado: páginas que contam vidas
Autora: Maria Euralice Lopes

Poemas carregados de memórias e sentimentos do passado de sua terra natal que autora deseja deixar como legado

Versos de um coração *Fantasma*

Um ano, um ano…
e agora quem suspira sou eu,
não de saudade,
mas do peso das palavras tortas
que você espalhou pelo caminho
porque certas frases não deveriam nascer.
Mentiras não são poesia,
são lâminas finas, são promessas podres
embrulhadas em laços bonitos
Você escreveu ausência,
mas esqueceu de escrever
verdade
Guardou cartas, sílabas, suspiros,
mas não guardou honra.
E o vento, coitado,
não esqueceu voz nenhuma
o que faltou foi coragem sua
de dizer o que era real.
Hoje, nos gestos do meu dia,
não há mais espaço para sombra.
A tua falta não respira
evapora.
Porque o coração só procura
nomes que mereçam ser chamados,
rostos que não se escondam atrás
de histórias inventadas.
E se existe algo lento e cruel,
não é o tempo.
É a mentira.
É o eco do que nunca deveria ter sido dito.
Eu sigo inteira
Enquanto você fica preso
ao verso que não sustenta mais ninguém

Resposta anônima ao "Poema Sem Nome" Segunda Edição do Jornal O Caju

REBENTO

Caminho de conquistas

Comecei por curiosidade,
sem saber onde isso ia dar.
Entre falhas e vontade,
só não vence quem não tentar

Vieram medalhas, vieram vitórias,
cada uma com sua emoção.
OBMEP, OBA, SAEB,
memórias, memórias que guardo no coração.

Cada qual, com seu grau de determinação,
sem esquecer nenhum momento de dedicação.
Foram dias de esforço e superação,
e o sonho crescendo em cada lição.

Na OLITEC aprendi a criar,
na TEC, a ver o novo surgindo.
Aprendi que vencer é tentar,
mesmo com o medo insistindo.

Hoje sei, a medalha é um brilho,
mas o saber é o que sempre ficou.
Porque o tempo apaga o brilho,
mas o aprendizado jamais apagou.

Lorena Kelly Pereira de Morais
Medalhista de Ouro na Olímpiada de Língua Portuguesa

EMETI JOÃO DAMASCENO VASCONCELOS
9° ano A

Caranguejos

Lá, caídos, repousam esses pobres homens.
Esquecidos… não há quem cuide deles?
Girando, lá se vê um pobre cego, sem qualquer guia.
Esquecido… não há quem o possa guiar?
Vem outro, nosso irmão, com muletas, e reclina-se no banco a descansar.
Não há quem possa aliviar a sua dor?
Mas detenho-me sobre aqueles — caranguejos de alma abatida, homens talvez desiludidos… quem os maltratou?
Caranguejos...seus corpos marcados pelo tempo de sol e de chuva, seus corpos vestidos da poeira das calçadas...quem cuida de vocês?
Não, não há ninguém — penso.
Iludidos que somos nós, quando falamos: “Eu cuido!”
Não, meu caro… tu nem eu cuidamos.
Vê! Ainda lá estão caídos os pobres caranguejos.

Cajueiro- mor

Amassadora de polpa. A ilustração representa uma foto real registrada no dia 25.11.2025.

Sob o olhar atento do nosso Cajueiro-mor, que tudo vê com a serenidade de quem conhece as camadas do tempo, eu, Amassadora de Polpa, que revira memórias como quem revolve frutos maduros, detenho-me sobre aquilo que muitos já não percebem. Porque há coisas que apenas se revelam a quem olha devagar, e a quem sabe que a cidade também tem seus silêncios. Nas praças de Bela Cruz, nas esquinas, nos calçadões, entre o pó e o ranger dos bancos antigos, repousam vidas que o vento da pressa quase leva. Vidas esquecidas, dobradas sobre si mesmas, como se esperassem por um gesto que nunca chega. E nós, tão acostumados a repetir que “cuidamos”, seguimos, na verdade, desviando os olhos. É fácil proclamar amor à terra, difícil é amar aqueles que a habitam. Difícil é sustentar o olhar sobre os “caranguejos” humanos do cotidiano, essas almas cansadas que o poema que segue retrata com uma honestidade que dói. Eles não são metáforas. São gente. São história viva. São a prova de que, quando falta cuidado, falta também parte de nós. E é por isso que escrevo, sob a copa larga do Cajueiro-mor, que vigia nossas palavras e nos lembra do valor da memória: não há maldição maior que a ausência do amor. A ausência de olhar, de gesto, de presença. Porque, se todos nós dizemos que cuidamos… por que eles continuam caídos?

CAJU **Apoiadores culturais:**

GRUPO ADRIMÓVEIS ADRIMOVEIS.COM
Pra Você Hiroshima
RAYANNA MORAIS Psicanálise & Terapeuta
Farma Dutra
LOTAM CONSTRUTORA
ALEGRIA DO SABER
DA COSTA VIAGENS E ENCOMENDAS